

“Princípios de geografia humana”, de Paul Vidal de La Blache

DEYSE CRISTINA BRITO FABRÍCIO¹

ANTÔNIO CARLOS VITTE²

1 Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

E-mail: deyse_nytzah@hotmail.com

2 Orientador da pesquisa. Professor da Unicamp e pesquisador do CNPq.

Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

E-mail: vitte@uol.com.br

Paul Vidal de La Blache (1845-1918) é uma figura de grande importância para a constituição da geografia humana na passagem do século XIX para o século XX. Sua obra de destaque para a geografia regional francesa é *Princípios de geografia humana*, publicada postumamente em 1922, por Emmanuel de Martonne. Na época de Paul Vidal de La Blache a geografia era encarada como auxiliar da história. Por isso, a geografia lablachiana acaba criando tipologias próprias à geografia, em vias de sistematização, e centra-se no estudo da relação entre o homem e o meio, temática que até a atualidade permanece recorrente, além de retomar discussões em relação ao conceito de *região*, que na geografia também permanece atual.

Entre os conceitos utilizados na obra, vários deles apresentam um viés que se inspira na biologia e no evolucionismo, enquadrados em quatro ideias principais: “organismo, meio, ação humana e gênero de vida” (GOMES, 1996, p. 198).

La Blache parte do “princípio da unidade terrestre”, obedecendo a leis gerais que se encadeiam e se combinam de formas específicas em cada região do globo (p. 30). O meio, por sua vez, seria “dotado de uma potência tal que pode agrupar, e manter juntamente, seres heterogêneos em correlação recíproca” (p. 34). Dessa maneira, “Cada região representa um domínio, onde se reuniram artificialmente seres díspares, que aí se adaptaram a uma vida em comum” (p. 34). Diante dessas noções, emprestadas das ciências naturais, age sobre o meio uma força adicional e influente, a ação humana, sendo que o homem é encarado como um fator geográfico “ao mesmo tempo, activo e passivo” (p. 41).

É nessa relação com o meio que, historicamente, os grupos humanos se constituíram enquanto gêneros

de vida diferenciados ao longo do tempo, constituindo uma “herança” em que cada grupo superou obstáculos e exigências específicas.

Por isso, insere-se a noção de contingência: “Os gêneros de vida atuais são, portanto, resultados contingentes dos gêneros de vida anteriores, ao longo de uma cadeia contínua, regida não por uma ideia de necessidade, mas somente de possibilidade” (GOMES, 1996, p. 205). Cada grupo desenvolveu uma forma específica de relação com o meio, mediante várias influências físicas, históricas e sociais. Isso insere ao conceito de gênero de vida um caráter de singularidade.

A herança de cada grupo enquadra-se na luta para superar os obstáculos da natureza e na criatividade para controlá-la e transformá-la. É assim que cada gênero de vida adquire uma feição específica, que relaciona as características do meio às técnicas utilizadas nos transportes, na construção de casas, na alimentação, no vestuário etc. Nesse sentido, La Blache busca compreender como os gêneros de vida se articulam num todo, que constitui a civilização em suas várias etapas.

É dessa forma que o conceito de gênero de vida passa a embasar a análise da espacialização das sociedades, mediante a ideia de graus de civilização. Nessa concepção, a obra *Princípios de geografia humana* reporta, inicialmente, aos povos ditos primitivos. Por isso, a primeira parte da obra é dedicada à explicação da distribuição dos homens na superfície terrestre mediante a “evolução” dos povos. La Blache apresenta também, nesse momento, uma preocupação com a epistemologia da geografia, explicando a noção de região tendo como foco a importância da ação humana, sendo que “o elemento humano é essencial em toda a Geografia” (p. 27). Com o fator humano e as singularidades dos lugares é que La Blache procura explicar a distribuição

dos gêneros de vida pelo globo. Para isso, cita mestres e filósofos, como Humboldt, K. Ritter, F. Ratzel, Aristóteles, Heráclito e Ptolomeu, entendendo a Terra como um organismo, explicável a partir da formulação de leis gerais (p. 30).

A segunda parte da obra trata das diferenças e semelhanças das formas de civilização pelo globo. Há uma análise histórica dos gêneros de vida chamados por La Blache de “grandes aglomerações humanas”, como o Egito, a China e a Índia (p. 87). Já a terceira parte insere a análise sobre o Mediterrâneo e a Europa, voltando-se à circulação, à construção de estradas e às transformações modernas na paisagem pelo desenvolvimento e inovação dos meios de transporte, sempre com uma visão evolucionista.

A argumentação inicial da obra é interligada às suas conclusões. Primeiramente, La Blache se pergunta por que há áreas povoadas e outras não. Sua resposta leva em conta que algumas regiões foram mais propensas à vida, localizadas ao longo de cursos de rios, inicialmente na África e na Ásia (p. 87). Dessa forma, se as regiões áridas ou muito frias foram ocupadas é porque houve uma intensa pressão pelos recursos em áreas mais férteis, impulsionando emigrações (p. 88).

Assim, a distribuição dos gêneros de vida pela superfície terrestre tem como base ideias evolucionistas, com povos que se dispersam pela competição em relação aos recursos. Nessa dispersão, ocorreriam isolamentos responsáveis pela diferenciação dos gêneros de vida. Ideia semelhante é proposta por Darwin (2004), referindo-se às modificações e formações das espécies a partir da importância dos isolamentos: “o isolamento oferece a uma nova variedade o tempo necessário para se aperfeiçoar lentamente, sendo isso, ponto importante” (DARWIN, 2004, p. 114-115).

Desse modo, para La Blache, a distribuição dos homens no globo ocorreria por uma progressão descontínua, produzindo isolamentos. A partir da aglomeração de núcleos humanos ao longo do curso de rios ocorreu uma separação por obstáculos, como montanhas. Em sua obra, o autor considera que “é preciso conceber grandes espaços habitualmente vazios, vastas zonas de isolamento” (p. 365). Nesse isolamento, em sua relação com o meio, o homem teria engendrado seu modo de vida, levando à criação de técnicas capazes de transformar o ambiente (p. 40). Analisados a partir de ideias evolucionistas, esses isolamentos levaram à formação de “raças” que, em vários casos, não cessam de modificar-se.

As origens das principais diversidades de raças escapam-nos [...] Mas [...] muitos fatos advertem-nos de que a matéria humana conserva sua plasticidade e que, incessantemente modelada pelas influências do meio, é capaz de prestar-se a combinações e formas novas. O trabalho da formação de raças está sempre a fazer-se (p. 373).

Nessa análise, muito próxima ao darwinismo, quando um grupo desloca-se para outra região, “pela necessidade ou pela força”, traz consigo seu gênero de vida. “Poderá conservá-lo, se o novo habitat for semelhante ao antigo. Mas pode verificar-se incompatibilidade entre os seus hábitos e o meio onde ele se estabelece. Novos usos impõem-se” (SORRE, 1984, p. 107).

Segundo essa ideia, a construção de casas, por exemplo, ocorreria com materiais que as aglomerações humanas tinham ao seu alcance. Clima e solo determinariam o uso preponderante da madeira, terra ou pedra. Esses materiais, concomitantemente, também guiariam a mão do homem. Como exemplo, o autor diz que no Japão utilizou-se a madeira, pois havia muitas coníferas. Já nas zonas áridas havia terra argilosa, possibilitando a fabricação de tijolos (p. 215-216). Apesar da possibilidade que o meio oferece de mudanças e “evoluções” a um gênero de vida, La Blache argumenta que a formação dos isolamentos, porém, pode trazer estagnação.

A série de esforços pelos quais o homem [...] assegurou sua existência parece ter estimulado a inteligência em determinado sentido, de que não mais se desviou. Chega um momento em que esses esforços param; e se nada de novo vem solicitar a actividade, esta adormece sobre os resultados adquiridos. Um período de estagnação sucede a períodos de progresso, tal como aconteceu na China e noutras partes (p. 277).

Em alguns casos, então, a população ficaria estagnada em seus hábitos, assemelhando-se às sociedades animais por serem presas, historicamente, à mesma forma de interação com o meio (p. 80-84). Dessa maneira, a circulação e o contato com outros povos seriam fundamentais, trazendo um estímulo ao progresso das civilizações.

Em acréscimo, segundo o autor o meio europeu teria sido muito mais exigente, por isso a população que lá vive fez um povoamento original, concentrando a principal massa da humanidade, capaz de uma “evolução” mais complexa, constituindo-se, desde tempos antigos, num centro difusor de inovações (p. 374).

Mediante as argumentações da obra, há culturas rudimentares, pontuais, e outras capazes de transmitir seus progressos, evidenciando a importância do intercâmbio entre gêneros de vida. A Europa ocidental teria apresentado um desenvolvimento quase contínuo, o que não ocorreria com as civilizações da África e da Ásia, habitantes das zonas de deserto e de estepes. Por isso, os europeus teriam como missão alastrar seu “progresso” e “evolução” para outros gêneros de vida (p. 277-278).

Prosseguindo a análise, é importante lembrar que o conceito de gênero de vida não perpassa a neutralidade, como foi destacado por Lacoste (1997, p. 57). As disputas históricas entre potências europeias, principalmente entre Alemanha e França, inserem as monografias regionais vidalianas como uma tentativa de justificar o imperialismo francês. Cada país seria considerado uma unidade, com suas várias regiões. As fronteiras seriam algo “dado”, demarcadas principalmente por meios naturais, sendo pertencentes à nação desde tempos imemoriais.

Algo a ressaltar é que Paul Vidal de La Blache, embora concentre sua análise muitas vezes nos gêneros de vida cristalizados numa paisagem rural, fisionomia em que se notam as permanências, é sensível também às mudanças de sua época, notando o aperfeiçoamento dos meios de transporte e das vias de circulação.

Por fim, La Blache coloca as cidades como o testemunho de civilizações num estágio mais avançado, “que certas regiões não atingiram, que, possivelmente, não atingirão nunca por si mesmas” (p. 280). No contexto da época há um otimismo quanto às maiores possibilidades desse intercâmbio. “O movimento e a vida aceleram-se constantemente. Uma atração mais forte [...] provocou entre as diferentes regiões da terra uma fermentação que anteriormente não teria sido possível” (p. 361).

Para La Blache a cidade de Paris despontaria com um crescimento harmonioso que deixa visível uma “unidade urbana mais ou menos perfeita” (p. 384). É nesse ponto que as monografias regionais de Paul Vidal de La Blache acabam ocupando-se de novas questões colocadas, como a circulação, que serão continuadas por seus discípulos com a produção de monografias urbanas, inclusive no Brasil. Dentro dessa ótica, a crença no progresso e nas conquistas da civilização exprimem, na visão de La Blache, que “as modificações operadas pela ciência são as mais rápidas: a utopia de ontem é a realidade de amanhã” (p. 361). Dessa maneira, várias

questões são constantemente recolocadas na obra de Paul Vidal de La Blache, como as referências ao positivismo e a crença no progresso, ao mesmo tempo em que posturas historicistas, que valorizam a liberdade humana e a singularidade de cada cultura, entram em foco. Podemos, então, citar Gomes (1996, p. 222), colocando a obra de Paul Vidal de La Blache como “Nem moderna, nem tradicional”, pois ela “incorpora a perpetuidade relativa das grandes referências de um passado, em que se pode encontrar tantas maneiras de interpretar, quanto os pontos de vista daqueles que a examinam”.

REFERÊNCIAS

BERDOULAY, V. La Géographie Vidalienne: entre texte et contexte. In: CLAVAL, P. (Org). **Autour de Vidal de La Blache: la formation de l'école française de géographie**. Paris: CNRS, 1993. p. 19-26.

BRAY, S. C. Os postulados da análise funcionalista na geografia e seus aspectos ideológicos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54, p. 29-37, 1977.

CAPEL, H. S. **Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la geografía**. 3. ed. Barcelona: Barcanova, 1988.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 3-39.

DARWIN, C. **A origem das espécies**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMEZ, J. M. et al. **El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (de Humboldt a las tendencias radicales)**. 2. ed. rev. aum. Madrid: Alianza, 1994.

HOBBSAWM, E. J. **A era dos impérios, 1875-1914**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **A era do capital, 1848-1875**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LA BLACHE, P. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.

_____. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 37-47.

LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1997.

LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2008.

SANGUIN, A. **Vidal de La Blache (1845-1918): un génie de la géographie**. Paris: Belin, 1993.

SORRE, M. A noção de Gênero de vida e sua evolução. In: MEGALE, J. F. (Org.). **Max Sorre**. São Paulo: Ática, 1984. p. 99-123.